

GEOGRAFIA AGRARIA.

NOTAS SÔBRE OS SISTEMAS DE CULTURA NA BAIXADA DO RIBEIRA, SP

PASQUALE PETRONE

O Prof. Dr. PASQUALE PETRONE, sócio efetivo da A.G.B. seu presidente no período de 1960-61 e assistente da cadeira de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, voltou suas atenções para a Baixada do Ribeira, expressiva parcela do litoral meridional do Estado de São Paulo. O presente estudo corresponde a um dos capítulos de sua tese de Doutorado em Geografia, defendida perante aquela Faculdade, no mês de maio de 1961.

Um dos fatos mais marcantes da utilização do solo pela agricultura ou pela pecuária em toda a Baixada do Ribeira é o caráter modesto, ou relativamente modesto, de que se reveste. Quer se trate de propriedades agrícolas, agro-pecuárias ou pastoris, há um predomínio incontestável dos empreendimentos em pequena escala. O quadro que apresentamos adiante, mostra bem o problema em suas linhas mais gerais.

Enquanto as propriedades agrícolas com atividades em pequena escala, totalizavam em 1950 um número de 6 334, 5,4% das do Estado, com uma área total de 283 888 hectares, ou seja 11,2 das do Estado, as que possuíam atividades em grande escala somavam apenas 155, ou seja 0,5% das de todo o Estado, com 1,0% da superfície.

Entretanto, elementos muito mais sugestivos, e conclusivos, podem ser percebidos pelos quadros que se seguem, que nos fornecem, para o ano de 1950, o número de propriedades pelos grupos de áreas de colheita, em hectares. Percebe-se, em primeiro lugar, que bem mais de 50% das propriedades cultivadas apresentam áreas de colheita inferiores a 5 hectares, sendo que apenas 9%, aproximadamente, têm áreas de colheita superiores a 10 hectares. As percentuais da Baixada, relativamente ao Estado, que acompanham o Quadro em questão, são igualmente expressivas. Percebe-se que, de um modo geral, elas diminuem dos grupos de áreas mais modestas, para os grupos de áreas maiores, verificando-se uma queda brusca para os grupos de áreas de colheita com mais de 10 hectares.

É evidente que o fato significa que na Baixada os empreendimentos agrícolas são, no conjunto, bem mais modestos, quanto à área, que no Estado em seu todo. O fenômeno merece, repetimos mais uma vez, um destaque especial, dado que êle não existe somente em função de lavouras temporárias, como também das permanentes. Tome-se, por exemplo, o município de Juquiá, onde a maioria absoluta das propriedades possuem lavouras de banana. Ai, praticamente 59% das propriedades possuem lavouras com menos de 10 hectares. O fenômeno é valido, portanto, para as lavouras de subsistência como para as comerciais, para as intensivas como para as extensivas, para as policultoras como para as monocultoras. No conjunto depreende-se o caráter acanhado das atividades agrícolas, com as conseqüentes limitações de caráter econômico.

UTILIZAÇÃO DO SOLO NA BAIXADA DO RIBEIRA — 1950
MODALIDADES DE EXPLORAÇÃO (1)

MODALIDADES	BAIXADA		ESTADO		da Baixada no Estado	
	Propriedades n.º	Área ha.	Propriedades n.º	Área ha.	Propriedades n.º	Área ha.
Agricultura						
Total	6 489	323 899	144 490	6 287 584	4,4	5,1
Grande Escala	155	40 011	27 848	3 757 440	0,5	1,0
Pequena Escala	6 334	283 888	116 642	2 550 144	5,4	11,2
Agropecuária						
Total	612	63 690	49 243	8 546 015	1,2	0,7
Grande Escala	12	5 900	7 131	5 741 989	0,1	0,1
Pequena Escala	600	57 790	42 111	2 804 026	1,4	2,0
Pecuária						
Total	43	8 017	11 719	3 226 134	0,3	0,2
Grande Escala	24	6 179	4 100	2 235 547	0,5	0,2
Pequena Escala	19	1 838	7 619	990 267	0,2	0,1
Invernadas e Campos de Engorda	5	131	4 494	531 6 8	0,1	—
Outras Modalidades ...	495	18 282	3 466	219 269	14,3	8,2
TOTAIS	7 694	415 669	221 611	19 007 582	3,4	2,2

Parece-nos não ser difícil anotar algumas das razões do fato. Naturalmente, uma das causas da pequena extensão das lavouras é, em várias áreas, a presença de propriedades com pequenas superfícies. Em tôrno de Pariquera-Açu ou de Jacupiranga, por exemplo, como nas vizinhanças de Registro, chegamos a ter verdadeiros

(1) Organizado com os elementos obtidos em VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950, Volume XXV, Tomo II, págs. 54 e 55.

N.º DE ESTABELECIAMENTOS POR GRUPOS DE ÁREA DE COLHEITA — 1950 — HECTARES.

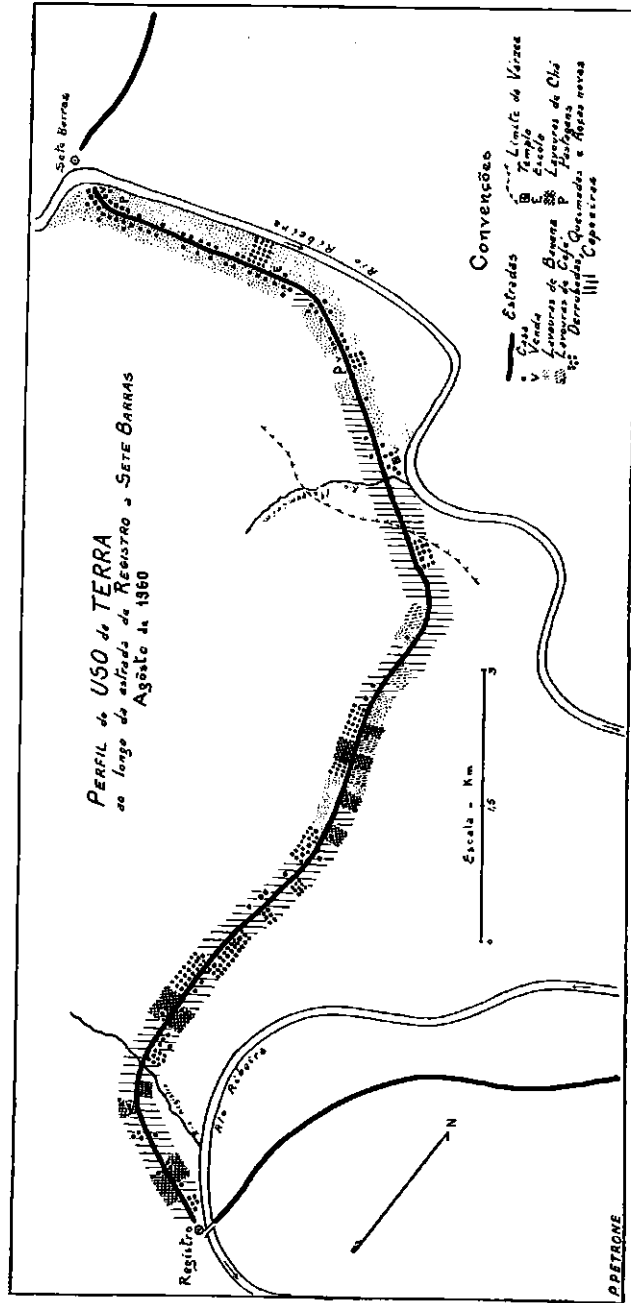
Municípios	Estabeleci- mentos	Cultivados N. de estab.	Menos de 1 hect.	1 a menos de 2	2 a menos de 5	5 a menos de 10	10 a menos de 20	20 a menos de 50	50 a menos de 100	100 a menos de 200	200 a menos de 500
Cananeia	262	262	2	14	121	94	24	1	—	—	—
Eldorado	1.360	1.340	43	167	697	325	79	25	2	—	—
Iguape	2.141	2.067	113	405	1.214	262	50	15	4	1	1
Jacupiranga ...	2.119	2.118	7	121	1.050	787	133	19	1	—	—
Juquiá	258	232	1	26	55	70	49	26	4	—	—
Registro	1.554	1.542	8	115	754	424	172	56	9	3	—
Região do Ribeira	7.694	7.561	174	848	3.891	1.962	507	142	20	4	1
ESTADO	221.611	198.233	3.113	8.776	55.756	51.232	40.724	24.067	6.154	2.922	1.477

O Estado possui, ainda, 282 entre 500 e 1.000 hect. e 82 com mais de 1.000 hectares.

PERCENTUAL DA REGIÃO DO RIBEIRA EM RELAÇÃO
AO ESTADO, QUANTO AO N.º DE ESTABELECIAMENTOS,
POR GRUPOS DE ÁREAS DE COLHEITA — 1950

Grupos de áreas	%
Menor de 1 hectare	5,5
1 a menos de 2	9,6
2 a menos de 5	6,9
5 a menos de 10	3,8
10 a menos de 20	1,2
20 a menos de 50	0,3
50 a menos de 100	0,05
100 a menos de 200	0,01
200 a menos de 500	0,0
500 a menos de 1.000	—
Com mais de 1.000	—
TOTAL	3,8

(*) Elaborados com elementos obtidos em: VI Recenseamento Geral do Brasil, 1950. Volume XXV, Tomo II, pág. 100.



Uso da terra ao longo da Estrada Registro — Sete Barras

minifúndios, que para as condições regionais de utilização do solo, são anti-econômicos. A limitação da superfície da propriedade é, portanto, em vários casos, um fator de limitação das lavouras. Não parece, todavia, ser o mais importante. Mesmo em propriedades de extensão relativamente grande dominam as explorações de pequenas dimensões. Cremos que as observações de N. L. Müller, feitas por volta de 1946, ainda são em grande parte válidas. Pela sua oportunidade transcrevêmo-las na íntegra: "Se, com os núcleos japoneses, não parece haver dúvidas sobre a existência de "sítios" em Registro, poder-se-ia dizer o mesmo do resto do território da Baixada do Ribeira? Quem não conhece a região seria talvez tentado a dizer ... que a predominância não deve ser de "sítios". Nenhuma interpretação seria mais errada que esta, pois o caso dos municípios da Baixada do Ribeira é típico de coincidência quase absoluta com certo tipo de propriedade que, embora não seja a pequena é, sem dúvida, o "sítio". Já nos referimos ao fato de, nesta região, haver uma agricultura de manutenção itinerante, exigindo por isso áreas maiores do que as geralmente ligadas à idéia de "sítio". Embora haja, à beira dos rios, tendência a se estabelecerem culturas permanentes, como a da banana, ou intensivas, como a do arroz, a parte mais distante do rio sofre um tipo de exploração que poderá caber na classe da "agricultura primitiva de subsistência"... O limite de área do "sítio", que vai até uns 120 alqueires quando próximo ao rio, eleva-se para o interior, atingindo até mesmo 200 alqueires; ... Mas "ribeirinho" ou "capuava", o caboclo é sempre aí um sitiante, em Iguape ou em Registro, excluindo-se alguns casos entre os colonos japoneses que, graças à cultura do chá, tomam, mesmo em pequenas propriedades, características de fazendeiros" (2). Repetimos que as observações acima remontam a 1946, e lembramos que não se referem, necessariamente, a toda a Baixada, entretanto fornecem-nos um dos fatores da dominância da lavoura em áreas modestas de colheita. Trata-se, conforme se lembra, do caráter itinerante de parte das lavouras da Baixada. Esse fato faz com que, mesmo em propriedades que poderiam ser consideradas grandes, permaneça a presença da lavoura em áreas exíguas. É evidente que, especialmente aqui, nos referimos tão somente às áreas de colheita em cada ano, pois que as áreas de cultivo, dentro do sistema, são dinamicamente bem maiores. As considerações que levaram N. L. Müller a incluir a maior parte das propriedades da Baixada dentro da categoria do "sítio" constituem, portanto, elementos para explicar em parte o domínio da atividade agrícola em pequena escala.

(2) MÜLLER, N. L. — *Sítios e Sitiantes no Estado de São Paulo*, Universidade de São Paulo, F.F.C.L., Boletim 132, Geografia n.º 7, São Paulo, 1951, págs. 42-43.

Um outro fato que freqüentemente influi conjuntamente com o citado, é a presença de elevada percentagem de lavouras de subsistência. Desde quando N. L. Müller (3) e Silveira (4) preocuparam-se com a região, o papel das lavouras unicamente de subsistência diminuiu muito de importância, especialmente no que se refere à praticada pelo "capuava". De qualquer forma, sua presença ainda tem grande expressão e, como é natural, é responsável pela exiguidade das áreas cultivadas de muitas propriedades. Cremos, por outro lado que a disponibilidade de mão-de-obra na região não é suficiente para permitir a presença, em maior proporção que agora, de lavouras em grande escala. Sabe-se que a Baixada ainda é uma área ralmente povoada; tal situação, aliada ao fato de que a pequena população ocupa áreas relativamente grandes e, de que há um grande percentagem de cultivadores diretos, praticamente apenas a família para toda a propriedade, deve ser levada em consideração. As limitações, até recentemente muito graves, opostas às possibilidades de escoamento da produção regional, naturalmente contribuíram, por sua vez, para cortar a maior parte das iniciativas no sentido de ampliar os empreendimentos relativos à utilização do solo. É significativo que lavouras como a da banana ou do chá, em certas propriedades aparecendo em grande escala, só puderam se desenvolver em função da criação de meios de circulação relativamente satisfatórios. A rotina que domina em muitas partes da Baixada, fruto da permanência de formas econômicas arcaicas, pode completar o quadro.

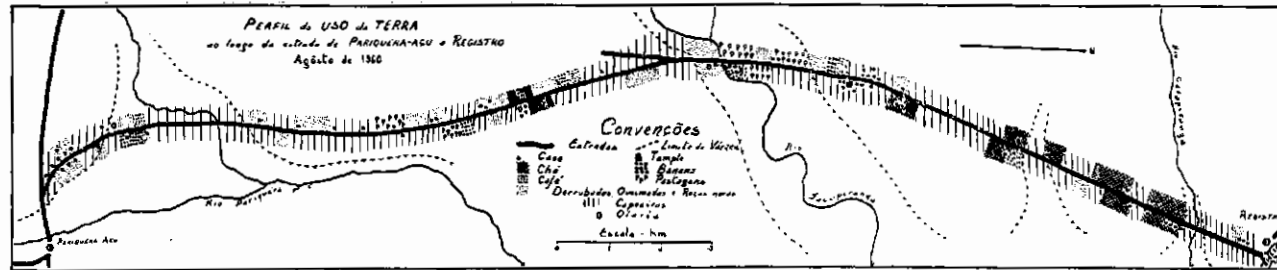
As modificações por que começou a passar a Baixada nos últimos anos provavelmente influirão nas condições acima mencionadas. A melhoria das condições viárias regionais, a introdução de novas lavouras permanentes com caráter comercial, a exemplo da seringueira, o reagrupamento de propriedades que se está esboçando, a presença, sempre mais numerosa, de proprietários com mentalidade capitalista, tudo acompanhado por uma racionalização das técnicas de utilização do solo, contribuirão para reduzir sensivelmente as pequenas lavouras sem expressão econômica.

É necessário portanto, ter sempre em mente as considerações acima para que se possa compreender as principais características da utilização do solo na região, inclusive dos sistemas de cultura.

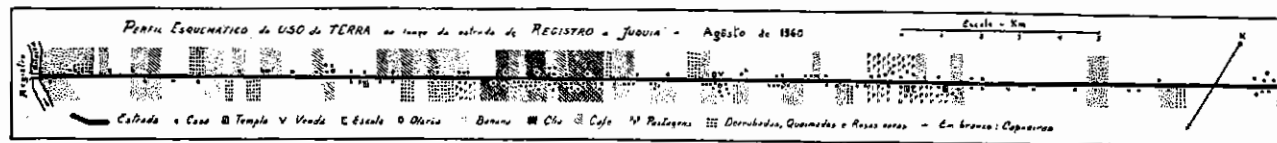
Não é fácil, mesmo em grandes traços, tentar discernir os sistemas de cultura existentes na Baixada do Ribeira. Em muitíssimos casos encontramos-nos frente a situações não enquadráveis nas sistematizações comuns. Procuraremos, por isso mesmo, não levar

(3) Idem.

(4) SILVEIRA, João Dias da — *Baixas Litorâneas Quentes e Úmidas*, Tese de concurso à cadeira de Geografia Física da F.F.C.L. da U.S.P., São Paulo, 1950.



Uso da terra ao longo da Estrada Pariquera Açú-Registro



Uso da terra ao longo da Estrada Registro-Juquiá

em consideração as sistematizações existentes, mas sim, tentar uma caracterização, sempre que possível, das situações vigentes na Baixada, procurando em seguida verificar até que ponto se identificam com as formas comumente aceitas e mais divulgadas.

Agricultura itinerante. — Um traço relativamente comum em todo o conjunto da Baixada é um certo itinerantismo da agricultura. Silveira, profundo conhecedor da região, assim sintetizou o fato: "A agricultura é na maioria da região itinerante. Nas colinas e terraços, nas matas das restingas e dunas antigas e mesmo no "jundu" são abertas pequenas clareiras — no clássico sistema de roçada — onde é plantado milho, mandioca ("rama" na região), batata-doce, etc., por 2 ou 3 anos, conforme a resistência da terra à exploração e também a influência do hábito de mudar, muito enraizado no regional. Então desloca a exploração para outra clareira aberta. Nas terras abandonadas — "tigüera" — crescerá ou não uma capoeira. Caso a capoeira se forme, a exploração poderá retornar mais tarde" (5).

As roças dos "capuavas". — A agricultura mais comum de caráter itinerante, ou semi-itinerante, é aquela praticada pelo "capuava". Este aparece ligado às zonas de matas, especialmente nas áreas que ficaram à margem da circulação fluvial. A circulação possibilitada pelas estradas de rodagem restringiu as áreas do "capuava", havendo uma tendência, segundo julgamos, para o seu rápido desaparecimento. Cremos que o tipo se definiu lentamente, em função do processo de povoamento baseado na penetração e posse pela utilização, de zonas de mata. Sob êsse aspecto o "capuava" é um tipo residual, que, segundo pensamos, não tem mais representação expressiva como teve até 20 anos atrás, ou mais. Continua despertando a atenção, porque em certas áreas, de povoamento demasiadamente rarefeito, êle é o único povoador. Suas atividades estão limitadas, em conseqüência, às "ilhas" menos povoadas, normalmente correspondentes a zonas de serras em grande parte ainda cobertas por matas. Essas zonas como que se constituíram nos últimos refúgios do tipo. Para oeste e sudoeste do município de Jacupiranga, por exemplo, como para o sul de Eldorado, ou ainda na faixa do extremo ocidente do município de Cananéia, verifica-se, em direção aos limites com o Estado do Paraná, ainda hoje, um processo de penetração por parte dessa gente, sempre em áreas praticamente despovoadas ou quase. O recuo é, em grande parte, conseqüência do processo de legalização da propriedade da terra, que na maioria dos casos, se faz em seu prejuízo. É que a com-

(5) SILVEIRA, João Dias da — Obra citada, págs. 182 a 184.

preensão da presença do “capuava” não pode ser dissociada da compreensão do fenômeno do “posseiro” que, como em muitas outras áreas do país, teve na Baixada, e em grande parte ainda tem, um papel relevante. Na esmagadora maioria dos casos o “capuava” é um “posseiro”, ou é um morador que vive em terras para onde foram, como “posseiros”, ascendentes seus. O “posseiro”, ou seja, o indivíduo que se estabelece em uma área, sem possuir títulos de propriedade, aí fazendo algumas benfeitorias, é ainda relativamente comum na Baixada. Pelo menos, são comuns aqueles que vivem em terras onde se instalaram seus antepassados, sem que, entretanto, possam apresentar qualquer título. Como é natural, o “posseiro” foi e em parte ainda é uma ponta de lança do povoamento, é um devassador de zonas não ocupadas e sob esse aspecto é quem, sem o saber, contribui para criar as primeiras condições de organização econômica do território onde se instala. Vivendo em áreas apartadas, é natural que tenha organizado sua economia na base de uma agricultura de subsistência ou de manutenção. Dispondo de um lado de técnicas rudimentares, e de outro lado, de áreas relativamente extensas para aproveitar, praticou desde logo uma agricultura itinerante. O fogo foi seu principal auxiliar técnico e as grandes superfícies com revestimento em matas constituíram extensas reservas de solos à sua disposição.

A não ser mais recentemente, dados os entraves decorrentes do aumento da população da Baixada, e principalmente da legalização da propriedade da terra, o agricultor itinerante, nas condições acima, não teve dificuldade em deslocar-se a vontade. A atividade agrícola foi completada por outras de simples coleta, como complementares.

O motivo que tem sido alegado para o abandono das áreas de “roças” depois de 2-3 anos, ou seja, que depois desse tempo a quantidade de ervas daninhas se torna muito grande, em consequência tornando penoso o trabalho de “limpa” (6), não parece ser o único aplicável para o caso do “capuava”; acreditamos que as grandes disponibilidades em terras seja uma razão igualmente importante. Em todo caso, convém lembrar que a mudança das “roças” sempre, ou muitas vezes, significa um trabalho de certa forma tão penoso quanto o da limpa, ou seja, o da derrubada. A diferença está em que a “limpa” exigiria uma atividade distribuída por quase todo o período agrícola.

Tivemos oportunidade de conhecer mais de perto esse tipo de agricultor na serra do Guaraú, na serra do Itapitanguí, assim como no médio vale do Batatal. Suas “roças” são sempre muito pequenas, freqüentemente inferiores a 1 hectare. Normalmente

(6) SILVEIRA, João Dias da — Obra citada, pág. 183.

trata-se de culturas associadas, em certos casos constituindo verdadeiras "culturas promíscuas" em que, com desordem, aparecem no mesmo terreno um pouco de milho ou de arroz, alguns pés de cana e touceiras de banana. Tudo, de resto, tomado pelo mato, em casos extremos havendo certa dificuldade, para quem não esteja atento, em perceber a presença do "campo" de cultura, nesses casos confundindo-se com a capoeira vizinha ou assemelhando-se a uma capoeira formada em clareira abandonada, na mata.

A vida de relações que a presença de moradores sempre mais próximo obrigou a se desenvolver, modificou em parte as atividades do "capuava". Até certo ponto suas atividades passaram a ter um caráter comercial. Mas as modificações influíram pouco nas atividades agrícolas propriamente ditas, pois repercutiram principalmente no incremento de certas atividades extrativas, como a do palmito, e no aparecimento de novas, como a de obtenção de carvão vegetal. O sistema de utilização do solo, entretanto, na essência, permaneceu o mesmo.

As roças dos praianos. — Conforme frisou Silveira no trecho que transcrevemos atrás, o itinerantismo da agricultura pode aparecer no próprio "jundu". Realmente, pratica-se, também, a agricultura itinerante na orla litorânea propriamente dita, porém ela não deve ser confundida com a praticada pelo "capuava" da retro-terra. Em primeiro lugar porque as condições naturais das áreas em que se verificam são diferentes. Com solos pobres, muito arenosos, e com modesta presença de matéria orgânica, com vegetação que só no caso do "jundu" representa um estágio para a floresta, obrigou o homem a utilizar o solo, pela agricultura, muito fugazmente, com uma mobilidade que normalmente é mais rápida que a da retro-terra. A Ilha Comprida, por exemplo, mostra nas nuances de sua vegetação, quando vista do alto, as marcas deixadas por práticas agrícolas antigas. E entretanto seus moradores são pouquíssimos, e mais não poderiam subsistir nessas condições. Em segundo lugar, e não necessariamente em ordem de importância, variam um pouco as plantas de cultivo. Nas práticas agrícolas itinerantes da orla litorânea a mandioca, graças sobretudo à farinha que fornece, é o produto básico, presente em todas as lavouras. Em terceiro lugar, no litoral a atividade agrícola é complementada pela pesca, além da presença de modesta atividade extrativa ligada à vegetação natural. Por outro lado, um tipo humano com hábitos, tradições, técnicas diferentes das do "capuava", o praiano — "caçara", é o responsável por esse sistema de utilização do solo. Enquanto que o "capuava" praticamente não tem preocupação especial na escolha da área a cultivar, bastando que haja reves-

timento florestal e que a topografia seja relativamente favorável, ou que haja capoeira desenvolvida, o praiano enfrenta problemas graves para a localização de suas modestas "roças". As áreas com restingas consolidadas, na ilha Comprida ou no continente, nas lombadas que elas originam, é que normalmente oferecem melhores condições para o plantio da mandioca. Os banhados são utilizados para o arroz, cultura em proporções modestas. Os próprios terrenos dos grandes sambaquis são utilizados, segundo um conhecedor da região, para outras culturas (7).

Agricultura itinerante e sistemas de rotação nas áreas de colonização. — Finalmente, um terceiro tipo de agricultura itinerante é o que se pratica dentro dos limites bem definidos de uma propriedade. É o caso, por exemplo, de boa parte das propriedades da área de Jacupiranga ou mesmo de Pariquera-Açu. A não ser excepcionalmente, em propriedades relativamente grandes ocupadas por famílias pouco numerosas, este terceiro caso difere radicalmente dos dois primeiros. Antes de mais nada, porque a atividade agrícola, embora seja em grande parte praticada com o fito de satisfazer as necessidades dos familiares, freqüentemente possui, também, um caráter comercial. Daí decorre que normalmente as lavouras são maiores, embora sempre modestas. Em segundo lugar, implica em uma variedade maior de plantas cultivadas, desde o milho e arroz, até o feijão, batata-doce, etc. Em terceiro lugar, não é raro que uma pequena porção da propriedade, ocupada por lavoura permanente como a do café, ou então com hortas ou pomares, fuja ao mecanismo do itinerantismo, que interessa praticamente apenas às culturas temporárias não hortícolas. Em quarto lugar, dadas as maiores proporções das áreas de colheita, e as limitações decorrentes da própria extensão da propriedade, o ritmo de mudança de terreno de cultivo é mais lento, podendo chegar a mais de 10 anos. Além disso, no caso em aprêço, o cultivo do solo vê-se complementado por atividades ligadas à criação de aves, de suínos e, embora em casos muito reduzidos, de algumas cabeças de gado para leite. Assim as "palhadas", por exemplo, são freqüentemente aproveitadas para os animais. Acresce que não é raro o agricultor possuir um ou mais animais de custeio, o que constitui outro elemento de diferenciação em relação aos casos anteriores.

O tipo humano mais freqüente nas áreas que nos estão interessando não se confunde com os que aparecem nos casos ante-

(7) ALMEIDA, Antônio Paulino de — *A Ilha Comprida*, in "Revista do Arquivo Municipal", Ano XVII, Volume CXXXVII, São Paulo, outubro, novembro e dezembro de 1950, págs. 53-54.

riores. Trata-se, freqüentemente, de elementos descendentes de colonos estrangeiros, especialmente italianos, poloneses e alemães. Os sistemas por eles utilizados para a organização do espaço agrícola implicam na aceitação de formas e técnicas de utilização já existentes na região, em pequena parte implicando, também, na permanência de alguns hábitos. A presença de hortas, por exemplo, ou a importância que dão às aves, ou ainda o fato de às vezes possuírem algumas cabeças de vacas leiteiras, são elementos representativos dessa conservação, que os distingue, entre outros, do "capuava" típico.

Dentro deste terceiro caso encontramos uma variedade de formas que não aparece, pelo menos nas mesmas proporções, nos anteriores. Pareceu-nos, nas vezes que tivemos oportunidade de entrar em contacto com ele, que a forma mais comum é a que poderia, com Waibel (8), ser definida como um sistema de rotação de terra primitiva. O caráter itinerante da lavoura, dentro de limites determinados pelo perímetro da propriedade levaria a essa situação. Em pouquíssimos casos essa situação evoluiu para um sistema de rotação de terra melhorada, e em muitos permaneceu como simples lavoura itinerante. Não é muito raro o caso em que a rotação de terra, a longo prazo, se verifique com um esboço de rotação de culturas. Assim é que no terreno cultivado com arroz por dois anos, por exemplo, às vezes mais, podem ser cultivados, em seguida, mais comumente o milho, ou o feijão e milho, ou ainda a mandioca. Em seguida, ainda, a "palhada" poderá ser aproveitada pelos animais, caso eles existam. O período de utilização direta do terreno, portanto, e não uniforme, pode se estender de 5 até 8-10 anos.

Naturalmente, embora para defini-las, tenhamos utilizado expressões aplicadas por Waibel para as áreas de colonização no sul do país, as formas em questão diferem das do sul pelas peculiaridades que adquiriram em face das condições em que se criaram. De qualquer modo, e quaisquer que sejam as variedades dentro do sistema considerado, constitui um estado bastante adiantado, no conjunto, relativamente aos dois casos anteriores. Expressivo é, a esse respeito, o fato de que as populações que estão a ele ligadas, revelam um padrão de vida material indiscutivelmente superior ao do "capuava" ou do praiano, embora ainda deixando muito a desejar.

Nêste terceiro caso as culturas dispõem-se pela propriedade revelando uma disposição intencional. As lavouras permanentes de café surgem sempre nas vertentes das colinas, ou quando é o caso, nas encostas, freqüentemente mais íngremes, dos morros. As zonas

(8) WAIBEL, Leo — *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*, I.B.G.E., Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1958, pág. 228.

mais elevadas, quando a topografia é mais acidentada, podem apresentar-se com modestas reservas de matas. As lavouras temporárias, normalmente dispõem-se nas meia encostas inferiores especialmente, podendo, entretanto, subir em direção aos tôpos das colinas. O arroz surge desde a meia encosta, quando suave, até as baixadas úmidas, preferindo estas últimas. A água justifica a delimitação das áreas para os animais, quando eles existem.

Agricultura intensiva de caráter primitivo. — Aos sistemas citados, uns mais, outros menos, mas sempre ligados a uma mudança das áreas de colheitas, devemos acrescentar, antes de mais nada, o praticado por uma considerável porção da população “ribeirinha”, particularmente ao longo do baixo curso do Ribeira à jusante da barra do Jacupiranga. Trata-se de lavouras intensivas de caráter primitivo, ligadas fundamentalmente à cultura do arroz. Suas principais características são as seguintes: o arroz é a cultura principal, de caráter comercial e sedentário, pois que no caso em questão são utilizados sempre os mesmos terrenos para o cultivo. Algumas vezes, poucas, pode verificar-se a presença de modestas lavouras permanentes, no caso de bananais. Completa o quadro a existência de minúsculas “roças” de subsistência, com caráter itinerante.

A lavoura de arroz está ligada ao rio, pois localiza-se nas áreas de vargedos inundáveis. Aproveita-se, justamente, das possibilidades que oferecem solos freqüentemente submetidos a cheias. Trata-se de lavoura primitiva, embora deva ser considerada intensiva pelo seu caráter sedentário associado à atenção, que requer, de uma numerosa mão-de-obra. O fato do cultivo ser feito diretamente no terreno, sem replante, o renovar-se anualmente a plantação precedendo-a com a queimada, sem preocupação com manter limpo o campo de cultivo; a pequena atenção que se dá à própria “limpa” do arrozal, permitindo-se que as ervas daninhas se desenvolvam a vontade; a ausência de técnicas no sentido de aproveitar racionalmente as águas das cheias, assim como a colheita, feita, normalmente, a canivete, são todos elementos que caracterizam o primitivismo da cultura, e contribuem para distingui-la dos arrozais das áreas de lavoura intensiva do tipo chinês, por exemplo. Como cultura de vargedos, o arroz dispõe-se, no caso em questão, entre o rio, de um lado, e a mata ou o “jundu” de outro lado. Aquêlê fornece ao “ribeirinho” possibilidades de pesca, o que acontece porque o primitivismo da cultura do arroz não prende a atenção do lavrador todo o tempo. A mata ou o “jundu” constituem as áreas contíguas onde o “ribeirinho” pratica uma “roça” itinerante de subsistência.

O sistema, quando praticado por colonos japoneses, em Jipuruva por exemplo, sofre algumas modificações, perdendo parte de

seu primitivismo. Julgamos inútil repetir o que outros já disseram, e portanto transcrevemos, a respeito, algumas observações de N. L. Müller: "... o japonês da região não emprega a queimada nas terras destinadas ao arroz, a não ser da primeira vez, porque êle limpa sempre o terreno. É só nas culturas de subsistência que usa o fogo porque, como para o ribeirinho, essa é relativamente nômade dentro da propriedade. Além disso, como não deixa o mato crescer e escolhe melhor as terras, para que não haja riscos de inundação, pode cortar seu arroz a "ferro", ou seja, a foice; sistema ao mesmo tempo mais rápido e eficiente porque grande parte das hastes de arroz é assim retirada, evitando futuros trabalhos na preparação do solo" (9).

O tipo mais comum, entretanto, é o descrito para o "ribeirinho". Nessas condições pode-se compreender que, paradoxalmente, os rendimentos não sejam tão baixos em face da mão-de-obra empregada e não tão elevados como deveriam ser, dado o caráter intensivo, em face da área cultivada. Repetimos, tais fatos confirmam o tipo primitivo do sistema de cultura.

Agricultura comercial. — A presença dos bananais de Sete Barras ou Juquiá, de Iguape ou Jacupiranga, assim como a presença dos chazais de Registro, constituem um problema para quem deseja enquadrar as referidas culturas dentro de sistemas agrários mais ou menos definidos.

Em face dos bananais, a primeira impressão que se tem, ou pelo menos que teve o autor do presente trabalho, é que nos deparamos com um exemplo de "plantation", ou de "plantage", como prefere utilizar Waibel (10). Não há dúvida que, sob certos aspectos, assim é. Os bananais do Juquiá ou das margens do Ribeira em torno de Sete Barras, assim como os do Peropava, impressionam, paisagisticamente, pela continuidade das plantações, característica das monoculturas.

Realmente, trata-se de uma monocultura de tipo comercial. Com seu caráter de cultura permanente, visando mercados exteriores, aproxima-se do "plantage". Entretanto, já o vimos, normalmente a cultura é fragmentada em numerosas e relativamente modestas áreas de colheita, dada a fragmentação da propriedade da terra. A grande extensão territorial das propriedades, normalmente associada à noção de "plantage", paralelamente à de "grande lavoura", não é característica típica da região. Ela difere, por exemplo, da área da linha Santos-Juquiá, onde os bananais distribuem-se por propriedades freqüentemente maiores. Cremos que êsse, todavia, não

(9) MÜLLER, N. L. — Obra citada, pág. 83.

(10) WAIBEL, Leo — Obra citada, pág. 31.

é aspecto de grande monta. De certa forma, a contiguidade das lavouras fornece um caráter monocultor á área onde se desenvolvem e, no conjunto, expressa um tipo de grande lavoura. Mais importante, segundo julgamos, é que as referidas lavouras não se assemelham aos "plantages", comumente aceitos como tais, pelo vulto dos capitais empregados, pela organização ou pelas técnicas de organização do solo. Embora nos bananais se verifique a aplicação de cuidados técnicos muito superiores aos encontrados, por exemplo, para a cultura do arroz, eles estão longe dos que devem caracterizar empreendimentos capitalistas como são os "plantages". Mesmo nas áreas, em outras partes do litoral, onde existem propriedades maiores, as técnicas deixam muito a desejar (11). O emprêgo de adubos, por exemplo, é praticamente inexistente.

No conjunto, não acreditamos que a bananicultura, na Baixada do Ribeira, possa ser considerada um típico "plantage". Pensamos, entretanto, que constitui um caso relativamente próximo daquele, um meio termo com os tipos de lavouras mais freqüentes, antes de tudo caracterizado por ser uma monocultura comercial. Importante é que a bananicultura normalmente exclui outras culturas comerciais, permitindo apenas a presença, e não sempre, de "roças" de subsistência. Em certos casos pode aparecer contiguamente a lavoura de arroz, quando, aproveitando terrenos mais enxutos, deixa para esta as áreas sujeitas a inundações.

O caso dos chazais não difere, básicamente, daquele dos bananais. Parece-nos aproximar-se muito mais, entretanto, do sistema de "plantage". Embora ainda insatisfatórias (veja-se a mediocridade da adubação) as atenções para com a cultura são relativamente intensas. Exigem um emprêgo abundante de trabalho, praticamente durante o ano todo. Por outro lado, representam culturas industriais, que exigem a presença de instalações para o beneficiamento do produto, preparando-o para colocação nos mercados consumidores. Em certos casos, bem representados pela fazenda Okamoto, estamos frente a um "plantage" típico ou quase, o quanto possam ser assim considerados êsses sistemas, dentro das formas de que se revestem. A superfície cultivada em chá, extensa para a região, pois que atinge cêrca de 50 alqueires; o caráter tropical da lavoura, aliás comum a tôdas as da Baixada; a mão-de-obra relativamente numerosa, 40 a 45 famílias, tôdas caboclas, e a ausência de mecanização nos trabalhos atinentes ao cultivo do solo; o beneficiamento do produto, feito em instalações adequadas dentro da própria pro-

(11) ARAUJO FILHO, José Ribeiro de — *A Baixada do rio Itanhaém*, Estado de Geografia Regional, Universidade de São Paulo, F.F.C.L., Boletim 116, Geografia n.º 5, São Paulo, s.d. — Leia-se o capítulo sôbre a lavoura da banana.

priedade; a existência de uma organização comercial, com escritório em São Paulo, para a distribuição da produção.

É evidente que embora consideremos o trabalho de Waibel sobre os "plantages" como sendo a melhor sistematização a respeito, limitamo-nos a tomar seu conteúdo apenas como ponto de referência, dado que, e a Baixada do Ribeira o comprova, não é fácil encontrar denominadores comuns que justifiquem a inclusão de certos fenômenos agrários dentro da mesma classificação. Em certo ponto de seu trabalho, por exemplo, Waibel afirma que "de modo geral, podemos . . . , como última característica dos plantages, de acôrdo com Eduard Hahn, indicar o fato de que (no sentido mais lato) ficam êles sob a direção de administradores europeus" (12). Acontece que no caso dos chazais de Registro que, lembramos, aproximam-se muito do sistema de "plantage", temos uma situação que praticamente chega quase a inverter a condição acima. Trata-se de propriedades em que a direção é de japoneses ou descendentes, enquanto que a mão-de-obra é constituída por elementos caboclos, evidentemente em grande parte frutos de uma presença européia na região. Paradoxalmente o elemento em grande parte descendente de europeus tornou-se a mão-de-obra "nativa", aproveitada pelos japoneses. É evidente que, inclusive dentro do próprio pensamento de Waibel, o problema da implantação, organização e direção dos "plantages" é, antes de mais nada, uma decorrência dos conhecimentos agrícolas e técnicos dos responsáveis, além de outras condições como capitais e conhecimentos relativos aos problemas de mercados. No caso, o elemento com os referidos conhecimentos foi o japonês.

Como a da banana, e mesmo mais, a cultura do chá, pelo seu valor, exclui quase sempre a presença contígua de outras culturas, especialmente comerciais e particularmente permanentes, como a do café. Tal contiguidade é mais freqüente nas propriedades menores. De resto, naturalmente pode haver uma cultura de subsistência, o que nem sempre acontece, particularmente nas propriedades grandes onde a cultura do chá é mais absorvente. Entretanto, a presença, em uma mesma propriedade, de terrenos de várzea e de colina, pode permitir a contiguidade de chá-arroz, chá-banana, ou chá e café-arroz, os últimos sempre nos terrenos mais baixos.

As primeiras tentativas para a implantação da fruticultura em grande escala na zona de Eldorado, a retomada da lavoura cafeeira em novas bases técnicas, as experiências, e mais do que isso, a implantação das primeiras lavouras de cacau e da seringueira, estão contribuindo para que em poucos anos se definam, na Baixada, sistemas novos, escudados em uma agricultura científica. Inicial-

(12) WAIBEL, Leo — Trabalho citado, pág. 41.

mente interessando apenas os produtos citados, sendo praticados apenas nas grandes propriedades pertencentes a capitalistas, interessados na terra como "industriais" da agricultura, irão inevitavelmente influir nas demais culturas, e nas demais propriedades, modificando o quadro que tentamos esboçar.

Em síntese, dentro da Baixada encontramos os seguintes grupos de sistemas agrários: 1. Agricultura itinerante de subsistência, do tipo "roça", associada a atividades extrativas, praticada pelo "capuava"; 2. Agricultura itinerante de subsistência, do tipo "roça", associada à pesca e secundariamente a atividades extrativas, praticada pelo praiano; 3. Agricultura itinerante, eventualmente comercial, definindo-se na maioria dos casos em um sistema de rotação de terras primitiva, dominando nas áreas com influência dos antigos colonos italianos, poloneses e alemães; 4. Sistema de rotação de terra melhorada, comum nas áreas de domínio do anterior, e presente um pouco em tôdas as zonas de colinas com predominância de culturas temporárias; 5. Agricultura intensiva de caráter primitivo, baseada no arroz, eventualmente associada à pesca fluvial, sempre associada a "roças" itinerantes de subsistência; 6. Agricultura de "plantage" em pequena escala, modificada, com base na bananicultura; 7. Agricultura de "plantage" baseada no chá; 8. Agricultura científica, de introdução recente e, por enquanto, de papel secundário nas paisagens regionais. Além dos grupos acima indicados, merece uma referência pelo menos mais um, presente principalmente na área de Sete Barras e caracterizado pela contiguidade, dentro da mesma propriedade, da agricultura e da criação de gado bovino, a primeira normalmente representada pela rizicultura ou bananicultura.

Naturalmente os tipos citados não devem ser considerados como fruto de uma classificação sistemática; interpenetram-se, são muitas vezes difíceis de se distinguir e implicam, especialmente, uma série numerosa de formas de transição, o que torna a interpretação das paisagens rurais extremamente complexa.